

O presente volume de *Em Tempos de Histórias* nos oferece o desafio de pensar acerca de artigos reunidos numa temática livre, o que logo de saída poderia se transformar num convite à fruição de uma fortuita dispersão. Para evitá-la, poder-se-ia tentar agrupá-los por proximidade de assuntos, o que resultaria, entre outras alternativas, em cerca de três arranjos desses textos.

Um primeiro se constituiria num conjunto de seis trabalhos em torno do ensino de História, sob os títulos: *Encontros com documentos e pensamento professoral no ensino da História. O ensino da História do Brasil configurado na tese do cônego Valente. Passado e identidade veiculado na imprensa: "os construtores de Santa Catarina" e o ensino da História (fevereiro de 1987). História, moral e patriotismo: recortes de uma época no álbum do Grupo Escolar Lauro Muller (Santa Catarina-1910-1930). Um professor do sul que viaja para o norte: olhares sobre o ensino e a circulação de livros didáticos de História. O ensino de História em busca de novas referências: considerações sobre o pensamento de Edgard Morin.*

Um outro pode se constituir de três trabalhos e uma resenha referentes a movimentos de protesto e passados-presentes ditatoriais: *Notícias do maio de 1968 parisiense nas páginas do jornal gaúcho Correio do Povo. PNHD3 e a (im) possibilidade de novas narrativas: o não agir, o não esquecer. A "ressurreição da alma cabana": as passeatas de protesto contra o Eixo na Belém da Segunda Guerra. Demanda antinazi na Argentina(resenha).*

E, por fim, num terceiro seriam agrupados dois dos chamados estudos de História Antiga: *Aspectos políticos da tragédia grega e Pertinências entre os anais egípcios e a biografia antiga.*

Todavia não é esta minha opção. Busco trazer aqui campos de reflexão que esses doze textos me suscitam em conjunto, e que podem se abrir nas possibilidades de relação entre história, memória, temporalidade e linguagem, questões enfrentadas direta e/ou indiretamente por seus autores e autoras, assim como demais colegas de ofício nas ciências humanas. Esses campos podem alimentar nossas aprendizagens críticas, entre outras, de uma possível atitude de presunção, de certo modo ainda vigente, no sentido de que a História como disciplina seria a única a tratar da história como processo, esta que também se constitui como matéria de vários outros fazeres humanos. O que se traduz na exigência de se exercitar uma subversão no pensamento e na linguagem, pela resistência à vã intenção de

tudo compreender, de tudo dobrar aos desígnios da razão, somente para confirmar seu poder, sua auto-suficiência.

Assim, ao longo da leitura deste conjunto de textos pode-se desconstruir a História como ciência infalível, como oposta, entre outros, ao que seria o falível da memória, derrubando-se qualquer forma de superioridade, seja do (a) historiador (a), seja de qualquer linguagem. Ainda que sutilmente, verifica-se nesses artigos um esforço em aproximar potenciais leitores dos personagens, desenhando o cenário de forma que ele seja visto como verossímil.

O que traz à tona o papel do (a) historiador (a) interferindo na História, reunindo vestígios de outras interpretações contidas em documentos, relatos, selecionando-os, conectando-os de forma compreensível e convincente, lidando com uma multiplicidade de versões, recompondo elos entre presente e passado, quando cada narrador situa seus antepassados e a si mesmo numa herança comum. São versões várias que passam diante dos olhos de quem lê. Mas não deixam de ser elas todas, no final das contas, criadoras de movimentos entre diferentes projetos histórico-culturais de pertencimento.

A luta contra o esquecimento, perene ameaça, pode levar qualquer narrador a construir e ampliar seus sentidos de pertencimento, a enfrentar o tempo, projetando-o e modelando-o segundo sua experiência em linguagens, tal como acentuou Walter Benjamin. Em decorrência, não há como distinguir qual seria o formato para que estas narrativas se mostrassem as mais apropriadas ao ofício de historiador (a). No bojo destas e de outras questões são construídas múltiplas e diferentes referências e identidades, o que põe em cheque e desmonta a ingênua suposição de uma história em comum para todos, sempre ou da mesma forma.

O fazer da História pode se dirigir a nosso desejo, a nosso poder de decifrar legados, enigmas de nossa condição humana, o que não acontece sem riscos, com diferenças em cada caso. Porém, num cotejo de possíveis semelhanças com a fílmica, a narrativa historiográfica pode consistir na faculdade de estabelecer relações, é uma construção de pensamento, não é a simples soma dos elementos empregados, de modelos já formados ou adquiridos, como nos ensina Maurice Merleau-Ponty: algo se põe a significar, pelo arranjo temporal ou espacial dos elementos em linguagens, sejam palavras, canto, expressões corporais ou imagens visuais, Tudo que se faz tem vínculos profundos com o tempo em que é feito; o que pode ser traduzido em interpretações de imagens, de vestígios, versões sempre em

aberto, recortes inevitáveis que não são superados/eliminados mesmo que o (a) historiador (a) não assuma explicitamente que está considerando alguma experiência passada, que é abordada a partir do presente.

Assim, procuro ressaltar que a constante criação de temas e modos de abordagem pode se tornar um campo inesgotável de possibilidades, para que possamos pensar sobre outras estratégias da pesquisa e do ensino da História, na construção de um espaço de reflexão crítico.

Sempre haverá disputas entre várias versões, então, o problema da História não se resolve. Porém, esta é uma possível leitura final desses doze trabalhos : a história é um processo, em aberto, que, assim, não se completa, porque é impossível de ser realizado de modo pleno!

Marcos Silva, num trabalho recente, *Metamorfoses das linguagens*, ao citar Cortazar, no conto *As babas do diabo*, acentua a impossibilidade de uma narrativa como busca de onisciência. Cortazar indica uma crise do sujeito narrador, que é também sujeito da ação: quem conta o quê, quem é contado por quem, qual o tempo do que é dito e do ato de dizer? Não existe narrador onisciente, os acontecimentos são fazeres humanos, seus sentidos vêm de todos os lados, inclusive do lado leitor – "meus teus seus nossos vossos seus".

Seres humanos não são plenamente donos de suas origens e de seus destinos. Por isso, é preciso dotar obras, feitos e palavras de alguma permanência, pela recordação. Esta esperança - "o não esquecer" inscrito em um dos textos aqui publicado- ainda constitui o motivo da narração, da explicação da história como busca de sentido da trajetória humana, busca tão antiga e, ao mesmo tempo tão atual, para que não se penalize o presente e não se provoque desorientação diante do futuro. O tempo, aliás, a experiência de tempo, a temporalidade é espiral que avança e regressa simultaneamente, parecem sugerir as construções narrativas desses artigos. As inquietações de uma época não são finalizadas com escritas, ensaios, oralidades e produção de outras linguagens.

Há uma força que tudo perpassa, um segredo a fazer e desfazer, figurativo; como um toque recíproco entre seres e objetos sem feridas, sem prisão nem opressão, uma reconciliação, um conhecimento que parte de linhas mestras, sem violência, que nunca repousa nem sossega, porque sempre nos escapa.

Nancy Alessio Magalhães
PPGHIS / PPGDSCI / NECOIM /CEAM /UnB
Em 16/12/2013.

Em Tempo de Histórias

Publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS/UnB)

Nº. 23, Brasília, ago. – dez. 2013. ISSN 2316-1191